



REPRESENTAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA PELA MÍDIA NO MISS BRASIL

Laís Vieira

Resumo

Este artigo tem como tema principal a representação e representatividade da mulher negra pela mídia e seus produtos no concurso de beleza do Brasil, especial o Miss Brasil que acontece todos os anos desde 1954. A escolha das mulheres negras deve-se ao fato de que na história do concurso até o atual ano só tivemos três delas a conquistarem o título. Sendo a mídia uma das principais ferramentas de controle ideológico e com isso formadora de opinião pública, é necessário o debate sobre como ela atua no presente cenário de discussão das relações raciais dentro de diversos espaços como nos concursos de beleza e de como ela influência no empoderamento da mulher negra que se dá fortemente através da estética.

Palavras-chave: Representação; mulher; negra; mídia; beleza; miss.

Abstract

This article has as main theme the representation and representation of the black woman by the media and its products in Brazilian beauty contests, especially the Miss Brazil, which happens every year since 1954. The choice of black women is due to the fact that in the history of the contest until the current year we only had three of them to conquer the title. Since the media is one of the main tools of ideological control and thus forming public opinion, it is necessary to debate how it acts in the present scenario of discussion of racial relations within various spaces, such as beauty contests, and how it influences in the empowerment of the black woman who gives herself strongly through aesthetics.

Key words: Representation; Woman; Black; Media; Beauty; Miss.



INTRODUÇÃO

Nos últimos anos no Brasil têm-se notado uma expressiva mudança no debate público sobre as relações raciais em diversos espaços e com isso a valorização da identidade da população negra. O maior desafio é romper com os estereótipos ligados ao fenótipo visto que o padrão de beleza ainda é o predominantemente branco. Dentro dessa dinâmica que indica arquétipo social quando distinguimos além da raça e incluimos o gênero, a mulher negra é a que mais padece com as consequências sociais que tais padrões influenciam.

Os concursos de beleza são exemplos de como o “belo” tem suas origens nos padrões eurocêntricos e de como a beleza é algo socialmente construído. No Brasil desde 1954 acontece o mais tradicional deles, o Miss Brasil que elege a mulher mais bonita do país apta a concorrer o Miss Universo que elege a mulher mais bonita do mundo. Até hoje somente três mulheres negras foram coroadas miss Brasil: Deise Nunes em 1986, Raíssa Santana em 2016 e Monalysa Alcântara em 2017.

A falta de representação de mulheres negras é algo que está atrelado a representatividade que lhes é atribuída pela mídia pois o espaço midiático é um espaço puramente ideológico e manipulador. É dentro desse ambiente que circulam ideias que ao serem veiculadas formarão a opinião pública.

Sendo assim, torna-se importante a discussão a cerca da forma como a mídia influencia no empoderamento da mulher negra e com isso a valorização da beleza negra através das marcações utilizadas para apresentar essas mulheres em seus produtos em especial as misses negras.

Este artigo utilizará como método o levantamento qualitativo de dados de notícias de sites e portais brasileiros que fazem referência a figura pública dessas misses. Através desse material a análise de conteúdo irá compreender e interpretar as marcações ideológicas que os veículos midiáticos fazem levando em conta estereótipos ligados a raça e a cor dessas mulheres. Tais marcações distorcem o real sentido da representatividade, pois tiram toda objetividade e subjetividade que seus corpos representam.



A análise de conteúdo levará em conta a bibliografia de livros, artigos, revistas, sobre a temática das relações raciais e as experiências pessoais e profissionais da autora.

MOVIMENTO NEGRO E FEMINISMO NEGRO NO BRASIL

De acordo com livros e artigos que abordam a história do movimento negro no Brasil, a partir de agora faremos uma breve contextualização sobre a participação de mulheres negras dentro desses espaços, levando em consideração as informações apresentadas pelos historiadores Amílcar A. Pereira e Petrônio Domingues.

O movimento negro no Brasil tem suas primeiras manifestações na década de 30 com forte influência das ondas emancipatórias que aconteciam no norte dos EUA. Em 1931 ativistas negros se organizam em São Paulo em prol da melhoria das condições de vida da população negra e a promoção do combate ao racismo formando a FNB-Frente Negra Brasileira.

Sob liderança de Arlindo Veiga dos Santos e José Correia Leite em 1936 a FNB foi reconhecida como partido político cuja principal marca foi o enfrentamento através de protestos em lugares públicos como forma de integrar os negros na sociedade em locais que até então os era vetado tais como hotéis, bares, clubes e até mesmo órgãos públicos como departamento de polícia. Durante sua existência a FNB ganhou vários adeptos em todo país, como o escritor e ativista Abdias do Nascimento que em seu livro “Memórias do Exílio” fala sobre sua contribuição e participação no movimento.

Mesmo com restrições de apoio político e financeiro a organização desenvolvia diversas atividades de caráter político, cultural e educacional como palestras, cursos de alfabetização, oficinas de costura, festivais de música, entre outros. Dessa forma, Abdias do Nascimento considera que a FNB teve um importante papel no processo para o negro assumir posição política e econômica da época.

Com o Golpe Militar e a chegada de Getúlio Vargas ao poder a FNB sofre repressão militar e em 1938 encerra suas atividades como partido político.



Pouco se sabe sobre a participação ativa de mulheres negras no partido, o historiador Petrônio Domingues em seu artigo “Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil” investiga através de uma perspectiva histórica a questão da mulher negra dentro das ações políticas da FNB.

A atuação das mulheres negras foi imprescindível para manter a união e coesão dos associados da FNB. Em vista disso, caberia a elas parte importante do crédito pelo sucesso da entidade. Com uma postura vanguardista, as mulheres estiveram presentes em todo período de existência da FNB. Na sede central, elas criaram dois agrupamentos específicos: as Rosas Negras e a Cruzada Feminina. Em algumas delegações do interior e de outros Estados, a entidade organizou um departamento feminino. Mas não se pode ter ilusão: a FNB tinha um indubitável predomínio masculino. As mulheres ocuparam um papel que muitos interpretavam como subsidiário. Elas não assumiram, por exemplo, nenhum cargo de monta na entidade, realizavam apenas aquelas atividades que os homens consideravam de menor relevância: as recreativas e as de assistência social. O jornal da FNB, *A Voz da Raça*, deu pouco espaço para as frentenegrinas colaborarem na linha editorial. E quando estas escreviam no jornal, não costumavam pautar as questões ligadas à emancipação feminina, aliás, não havia a compreensão de que a mulher tinha problemas específicos. O jornal compartilhava da concepção de gênero que predominava na época: a mulher era um sexo frágil e devia ser preparada, fundamentalmente, para assumir seu papel de esposa, dona-de-casa e mãe, daí a existência de uma coluna fixa para veicular receitas culinárias e orientações referentes aos serviços domésticos. (PETRONIO JOSE DOMINGUES. 2007.p 370).

Sobre a valorização da beleza negra dentre os papéis que elas conseguiram dentro do movimento Domingues cita uma publicação da *Gazeta de Mococa* sobre dois eventos que ocorreram no interior de duas delegações da FNB:

Tendo em vista a valorização estética da mulher negra, a delegação da FNB de Jundiaí, em parceria com o Clube Recreativo 28 de Setembro, organizou o concurso Rainha Negra de Jundiaí, dentro das comemorações do 13 de Maio de 1934. A vencedora foi a “graciosa senhorinha” Zeferina Apolinário (Id., 26/05/1934:1). Em 1936, a delegação da FNB de Mococa organizou um concurso similar para se escolher a “Rainha das pessoas de cor”. A



vencedora foi Sebastiana Lima. Durante os festejos do 13 de maio no teatro daquela cidade, ela foi coroada, recebendo a “faixa simbólica entre manifestações de entusiasmo e aplausos gerais. (PETRONIO JOSE DOMINGUES. 2007.p 363).

Não há muitos registros sobre a atuação das mulheres negras nesse período, faz -se necessário pesquisas acerca da história desde o período pós-abolição, principalmente das que engajaram movimentos sociais em favor da luta da população negra. Somente na década de 70 é começam a surgir os primeiros registros sobre a participação ativa de mulheres negras no movimento negro.

Com a efervescência das lutas antirracista nos EUA e países da África e das lutas feministas pelo mundo o movimento negro no Brasil ganha força, dessa vez com maior organização e participação ativa.

O marco do feminismo negro vai se configurando através da união dessas mulheres em vários pontos do país na busca da visibilidade e lugar de fala da mulher negra dentro do MNU - Movimento Negro Unificado, que foi uma das principais organizações em favor da população negra da época. Apesar da maior participação dentro desses grupos as mulheres negras permaneciam ainda inviabilizadas dentro dessas organizações, o antirracismo não garantia a ausência do machismo. O movimento negro ainda era majoritariamente formado por homens negros que consideravam a luta pelos direitos e combate ao racismo de forma homogênea, não levando em conta a questão de classe e gênero. Em função disto as questões referentes a vida das mulheres negras eram preteridas por questões gerais.

Já os movimentos feministas desconsideravam o debate das questões ligadas ao sexismo e racismo. Em vista disso mulheres negras viram a necessidade de se organizar e buscar uma militância que levasse em conta a vivência do grupo na sociedade.

O movimento das mulheres negras no Brasil lutava também pelas causas sociais e pela melhoria das condições de vida da população negra. As pautas envolviam desde demandas do combate a violência de gênero, construções de creches, exercício de direitos reprodutivos, igualdade de gênero, dentre outras mais. Já na década de 80 elas começam a promover os primeiros encontros feministas a fim de criar estratégias para cobrar do Estado ações que envolviam suas pautas.



O I Encontro Nacional das Mulheres Negras (ENMN) aconteceu em 1988 na cidade de Valença região sul do Rio de Janeiro e reuniu mais de 450 mulheres de vários estados do país. Após esse foram acontecendo vários outros encontros e seminários de mobilização e debate político em todo país, contribuindo para impulsionar o movimento contemporâneo de mulheres negras que ultrapassa as fronteiras do feminismo através de uma articulação da questão racial com as questões de gênero e classe.

Segundo Rosália Lemos “A organização dessas mulheres não foi um racha em relação ao movimento negro, mas sim um salto de qualidade por conta das necessidades sobre a reflexão sobre a própria diversidade” (ROSALIA LEMOS, 1997, p.50). Podemos notar que se trata da necessidade de estabelecer novos territórios e autorrepresentações de si próprias as levou a afirmar e reafirmar as diferenças étnicas e denunciar a existência do racismo na sociedade, racismo esse que perpassa todas as esferas sociais desde a saúde, educação, direito de ir e vir, segurança, mercado de trabalho, entre outros.

POLÍTICA DE RAÇAS: A CONSTRUÇÃO DA BELEZA UNILATERAL NO MISS BRASIL

A partir do pensamento filosófico é possível ver como o homem cria juízos de valores sobre determinadas formas de conduta dentro da sociedade quando julga através de suas experiências se determinada coisa é boa, ruim, agradável, desagradável, bonito, feio, entre outros. Dentre os inúmeros juízos de valores distinguimos o que são de natureza moral e os de natureza estética.

Ana Paula Pedro professora do departamento de educação da Universidade de Aveiro considera que os ligados a moral dizem respeito às percepções que homem tem em relação a sua forma de agir dentro da sociedade em conjunto com os seus iguais. São juízes adquiridos através da educação, cultura, tradição e do cotidiano que orientam o seu comportamento dentro do espaço social. Dessa forma, o racismo fere a moral da população negra pois a dignidade é um valor moral inerente a todos seres humanos, é um elemento basilar para todos os direitos e garantias fundamentais e demais direitos constitucionais.

**EDUCAÇÃO, RELIGIOSIDADE E CULTURA NA
PERSPECTIVA DAS RELAÇÕES RACIAIS**

V. 03, N. 01, JUL./19

ISSN: 2596-0946

Já os de valor, ligados a estética, são traduções do sentimento individual que experimentamos ou vivemos ao contemplar algo, é como a expressão de um sentimento de prazer. Tais julgamentos comprovam que a beleza é algo socialmente construído.

Mais uma vez podemos citar o racismo como exemplo, em especial ao fenótipo dos negros que têm suas identidades negadas. Dizer que o cabelo é ruim ou duro, afirmar que a cor da pele e o sangue são mais resistentes e devido à essa suposta resistência, a população negra pode ser exposta a situações que podem ser prejudiciais à sua saúde, dentre tantas outras afirmações inferiorizantes que foram inseridos no imaginário social do brasileiro e que hoje são vistos como apelidos engraçados.

Vale ressaltar que muito dos juízos são tidos como ordem social independente da experiência única de cada ser humano pois foram e são impostos até hoje para o convívio em sociedade. O agravante que decorre dessa imposição tem início na desigualdade racial e social onde brancos e negros, ricos e pobres não têm o mesmo valor. É só refletir sobre o Brasil onde mais de 51% da população é negra mas não a vemos representada nas esferas sociais devido a situação de marginalização em que a população negra vem sendo tratada desde o período de escravidão.

Concursos de beleza são exemplos de como o “belo” tem suas origens nos padrões eurocêntricos. No Brasil o mais tradicional deles, Miss Brasil, teve a primeira organização em 1900 no Rio de Janeiro e foi promovido pelo jornal Rua do Ouvidor.

Darlan Melo Lima escritor do blog “Passarela Cultural” fez um levantamento das notas e matérias que saíram nos jornais da época que falavam sobre os concursos de beleza e as misses. De acordo com ele na primeira organização do evento os votos foram enviados por carta para redação do jornal e a cada semana eram divulgados os percentuais de cada candidata. Concorreram centenas de jovens das mais importantes famílias brasileiras, a eleita foi Violeta Lima Castro de 21 anos de idade, que ficou conhecida como Bebê Lima Castro.

A segunda edição do concurso em 1912 e elegeu Noêmia Nabuco que ficou pouco conhecida devido sua morte em 1919. Dez anos depois ocorreu a terceira edição, que foi a primeira em forma de evento com bancada de jurí e plateia. Elegeu Zezé Leone que se tornou símbolo das melindrosas, trazendo um novo estilo de vida das mulheres da época.



Os próximos concursos foram sendo realizados de forma não consecutiva, mesmo assim foram caindo cada vez mais no gosto popular. Em 1929 com a coroação de Olga Bergamini de Sá eleita diante de vários fãs, em 1930 com a Iolanda Pereira que em 1963 tornou-se a primeira Miss Brasil eleita Miss Universo. E sucessivamente vieram Ieda Telles Menezes (1932), Vânia Pinto (1939) e a última miss da era pré-Martha Jussara Marques (1949).

A maioria das candidatas a miss eram mulheres brancas de famílias importantes, muitas não haviam nascido no Brasil, como o caso de Bebê. O ideal de beleza da época e que ainda perpetua no pensamento social do brasileiro atual é o de mulheres brancas, magras, de estatura mediana para alta.

A segunda fase da história do concurso é considerada oficial devido a frequência da eleição do posto de Miss Brasil que passou a ser anual, tem início em 1954 elegendo a Martha Rocha como mulher mais bela do país. Em julho daquele ano ainda concorreu na Califórnia o concurso Miss Universo, levou o 2º lugar e caiu nas graças do Brasil e do mundo ao ser considerada a “Namorada das Américas” devido a graciosidade e beleza que encantou os americanos.

A partir da coroação de Martha o formato do concurso foi se adequando e sendo oficializado com bancada de júri que além da beleza do rosto, cabelo, andar e vestir avaliava também a forma como cada candidata se comportava, sua graça pessoal e até mesmo a fala. Atualmente os requisitos para concorrer ao concurso vão desde a figura social da candidata, como nunca ter sido casada e nem ter tido filhos, nunca ter sido fotografada ou filmada totalmente despida ou expondo as partes íntimas, dentre outros que apesar de não constar na lista de requisitos básicos acabam por ser determinantes na escolha do júri, como por exemplo ter tatuagem. Sobre as medidas do corpo a altura mínima é de 1,68 metros, o busto e quadril de 88 a 92 centímetros e a cintura de 58 a 62 centímetros.

Segundo a consultora do Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA) Ana Claudia Pereira, em entrevista ao portal IG, qualquer concurso de beleza promove a objetificação da mulher, “É alguém que não existe como um ser humano. Está ali para



agradar os olhos e desejos de outras pessoas. Os concursos de miss são conservadores e têm uma concepção extremamente moralista com relação ao comportamento das mulheres.”¹

A junção do padrão corporal com os valores que uma mulher deve conter para se candidatar ao concurso pode ser analisada através da teoria estética de Jauss², na qual a beleza é constituída como categoria de distinção social, pois quando se aproximam dos modelos estéticos difundidos são aceitos pela sociedade.

Para as mulheres negras tais categorizações criam uma visibilidade social ainda maior, pois elas passam a ocupar espaços que não há representatividade da população negra devido ao racismo e à discriminação racial. Pois enquanto o reinado dura sua condição de Miss que supera qualquer outro papel que elas desempenham socialmente. Vale apenas salientar que essa ascensão perpassa tanto as questões sociais quanto as de gênero, visto que na pirâmide da hierarquia social elas são a base e dessa forma ocupam as piores posições em relação aos índices de educação, saúde, mercado de trabalho, entre outros.

Até hoje no Brasil somente três mulheres negras conquistaram o título de Miss Brasil e pouquíssimas candidatas participaram das etapas nacionais. Para José Ricardo Ferraz (2011)³ esses eventos auxiliaram no decorrer dos anos na construção de uma eugenia de imperativos brancos apresentando uma beleza universal e (universalizável) e acabou por tornar-se uma política de raça.

Deise Nunes foi a primeira mulher negra a ser eleita Miss Brasil em maio de 1986. A coroação quebrou um tabu da época tanto na questão da raça, quanto em relação às medidas de seu corpo que fugiam de certa forma das exigências do concurso.

A segunda mulher negra a vencer o concurso foi Raíssa Santana em outubro de 2016, quebrando assim um jejum de 30 anos sem que outra mulher negra sequer tivesse chegado às etapas finais do concurso. O impacto foi ainda maior quanto o da vitória de Deise em 86, pois

¹ <https://delas.ig.com.br/comportamento/os-concursos-de-miss-sao-moralistas/n1597213844744.html> pagina visitada em 13/05/2019

² SANT’ ANNA’, Rúbia. Mara. Concursos de beleza - discursos e sujeitos. III Colóquio Nacional de Moda. Proposta de comunicação ao GT: “ História e produção de discursos de moda”. (2007. p.01)

³ FERRAZ. Ricardo. José. Ninguém Nasce Bela, torna-se bela. As passarelas como espaço de construção de gênero no concurso miss Brasil. (2011.p.3).



além da coroação de Raíssa, foi o ano em que tivemos mais candidatas negras disputando o título na etapa nacional.

Em agosto de 2017 Monalysa Alcântara conquistou a coroa, sucedendo Raíssa e mais uma vez foi notória a representação de mulheres negras na etapa nacional, porém sem muito alarde midiático como a do ano anterior.

Falar em representatividade nos concursos de beleza é fundamental pois é medida em que as sociedades vão diferenciando em classes, como em países como o Brasil, ocorre simultaneamente uma estratificação social que caminha para a formação de uma estética racial que exclui a população negra.

Entender a necessidade do empoderamento do negro nesses espaços é indispensável visto que a sociedade atualmente se baseia muito na representação imagética desde a televisão, o cinema, a internet e atualmente ainda mais nas redes sociais. Dessa forma quando a população negra é representada ter o sentimento de pertencente a espaços, como os concursos de beleza, e a figura pública dessas mulheres negras enquanto símbolos de beleza pode de fato auxiliar no resgate da sua identidade com a valorização dos traços negróides e na auto afirmação enquanto negro.

Ter mulheres negras coroadas como um título que representa um ideal de beleza e comportamento é uma forma de resistência muito grande afinal o panorama racial nacional é denso, complexo e difícil de ser compreendido, é um dos meios de recuperar a autoestima da mulher negra através da estética.

AS MARCAÇÕES MUDIÁTICAS: REPRESENTAÇÃO *VERSUS* REPRESENTATIVIDADE NAS MATÉRIAS SOBRE AS MISSES NEGRAS

A evolução da comunicação do homem em sociedade vem sendo desenvolvida desde os primórdios da humanidade, iniciou com a pintura rupestre passou pela escrita, linguagem oral, entre outras formas de se comunicar até a chegada dos meios de comunicação na segunda metade do século XIX.



O Jornalista Jorge Pedro Sousa em seus estudos sobre teoria da comunicação e mídia aborda como a revolução industrial contribuiu para o avanço dos meios de comunicação e consequentemente os meios de comunicação de massa.

Segundo Sousa com a revolução surge um novo modelo de sociedade no qual a principal característica é o grande conglomerado de pessoas em cidades e regiões envolvidas pelo sistema capitalista trabalhando nas indústrias de produção, distribuição e consumo. O homem passa a agir de forma massificada sendo moldado ideologicamente por um sistema que estrutura a sociedade para que todos tenham formas de vida semelhante, padronizada, por isso a utilização do termo sociedade de massa ou sociedade massificada.

Foi nesse período que surgiram os principais meios de comunicação: jornais impressos e revistas, rádio e televisão como forma de ambientar sobre a nova ordem de vida da população. O rádio e televisão são considerados meios de comunicação de massa em virtude desse período histórico devido a capacidade de transmitir a informação em larga escala de uma forma mais ágil em termos de distância, número de pessoas e produtos envolvidos.

Para Sousa (2004) esses meios de comunicação de massa possuem um significado ideológico e/ou político muito forte tendo a capacidade até hoje de reprimir diferentes culturas que fogem do padrão estipulado pela classe social dominante.

No Brasil temos diversos exemplos de como os meios de comunicação foram e ainda são usados de forma atingir objetivos como esses como por exemplo, as leis eugenistas da década de 20 cujo objetivo principal era o embranquecimento da população.

Atualmente com o avanço dos estudos sobre a temática das relações raciais é possível encontrar uma bibliografia mais completa sobre esse assunto, a Antropóloga Lilia Moritz em “O espetáculo da Miscigenação” descreve como se deu esse “laboratório racial” no Brasil no final do século XIX.

Com a abolição da escravatura, no Brasil formou-se uma grande massa de negros e índios que depois de libertos encontravam-se marginalizados. Dessa forma, segundo os eugenistas para acabar com o problema social e assim criar uma identidade nacional era



necessária uma limpeza racial. Dentre as formas de justificar o extermínio desses grupos, eugenistas apontaram que negros e indígenas eram raças inferiores e com sangue depurado.

Os meios de comunicação foram indispensáveis para a divulgação dessas ações e ideias, muito dos estereótipos e termos relacionados a negros e indígenas que ainda hoje permanecem arraigados no imaginário social surgiram nesse período.

Atualmente nadando contracorrente desse controle ideológico de massa a chamada mídia nicho ou mídia segmentada termo muito utilizado dentro da publicidade e propaganda, cuja principal característica são as particularidades e interesses em comum de indivíduos que se reconhecem como pertencentes do mesmo grupo.

A peculiaridade faz com que a mídia segmentada consiga estabelecer um relacionamento mais estreito e contribuir para uma comunicação mais efetiva com esses grupos. Um exemplo de mídia nicho é a imprensa negra que no Brasil teve as primeiras formações no início da república em 1903 com o periódico Baluarte. O jornal formado por lideranças negras, tinha como principal objetivo a divulgação dos acontecimentos da vida social e política da população negra. Os periódicos eram publicações simples de poucas páginas mais famosos foram O Menelik, O Clarim, Novo Horizonte, Progresso e Voz da Raça como é possível encontrar algumas páginas desses jornais no blog Imprensa Negra Paulista.

As publicações serviram para valorização da identidade negra e o combate ao preconceito que impedia a inserção na sociedade. Através delas evidenciaram os direitos que os era vedado como acesso à educação, inserção no mercado de trabalho, entre outros.

A propaganda é um dos produtos da mídia que utiliza para divulgação de ideias ou informações cujo conhecimento público é de interesse do publicador. Ela se desenvolve em cima de ideias e conceitos no qual o objetivo do escopo é a promoção de algo/alguém. Quando veiculada em qualquer um dos meios de comunicação as peças publicitárias (elementos produzidos para uma campanha publicitária, encarte, outdoor, etc) produzem e se renovam em escala planetária tornando difícil a separação da influência evidente da cultura na mensagem, ou seja, a capacidade que a publicidade tem de influenciar hábitos e valores da sociedade. Por isso é fundamental a representatividade de todos grupos da sociedade por trás



de quem comanda a grande mídia, visto que são eles que pautam os principais assuntos a serem discutidos e considerados pela cultura de massa.

Um exemplo da forma como a mídia atua na manutenção do racismo no Brasil é quando nas propagandas de produtos e/ou serviços relacionados a beleza não há negros atuando, ou quando há eles estão sempre em papéis que reforçam estereótipos que se referem aos conceitos negativos sobre a população negra. O recente caso envolvendo a marca de papel higiênico Personal que usou como slogan a frase “*black is beautiful*” e a atuação de uma atriz ruiva Marina Ruy Barbosa mostra isso. A problemática que acabou sendo muito comentada nas redes sociais deve-se ao fato de que a frase usado no slogan vem sendo muito utilizada nos últimos anos por ativistas do movimento negro, não só do Brasil mas no mundo, como forma de enaltecer a beleza negra resgatando a identidade e ressignificando principalmente a palavra negro e as demais que derivam dela.

Dessa forma, a proporção que a mídia utiliza essas e outras marcações acaba por enaltecer e reforçar o arquétipo de beleza universal que é branca, e de outro banaliza e reforça estereótipos e utilização de palavras e frases em detrimento da raça negra. Há uma intromissão de superioridade racial que colabora com o racismo e negação da negritude.

A coroação das misses Raíssa Santana (2016) e Monalysa Alcântara (2017) foram muito comentadas nos jornais online e redes sociais elas sofreram diversos ataques racistas. Os comentários são sempre sobre a questão estética das misses negras relacionado com as demais candidatas brancas. Comparam cabelos, nariz, boca, cor da pele, moldes corporais, em que o fenótipo das misses negras é sempre inferior ao das brancas. Por esse motivo é fundamental a análise e reflexão de como a mídia influencia no ideológico social quando falamos da estética corporal dessas mulheres nos concursos de beleza e a maneira como tal divulgação midiática interfere no contexto da representação étnica de cada grupo racial.

Para isso neste artigo foram feitas pesquisas de notícias sobre as misses negras Rayssa Santana e Monalysa Alcântara de duas formas: a primeira nos principais sites e portais de notícias do Brasil levando em conta o alcance de público. E a segunda sites e portais no qual quem produz as matérias são pessoas negras. Ambas com auxílio da bibliografia de autores que abordam a temática das relações raciais no Brasil. A data de publicação das notícias



veiculadas foi entre o período de outubro/2016 e agosto/2017, já a de coleta foram meses novembro/ 2016 e Outubro/ 2017.

A marcação referente a cor/raça de ambas pela mídia é a mesma: são apresentadas como mulheres negras independente da tonalidade da pele de cada uma já que a raça negra apresenta diversas tonalidades como é abordado nas temáticas que tratam sobre o colorismo. Esse tipo de marcação só tem sido utilizado mais frequentemente pela mídia devido a incessante luta que movimentos negros têm enfrentado a fim de debater sobre as relações raciais.

O termo “Mulata”, por exemplo, foi por muito tempo utilizado pela mídia para apresentar mulheres negras como as atriz Taís Araújo e Juliana Alves, a bailarina Adriana Bombom, dentre tantas outras, sempre focando no fenótipo e insistindo no estereótipo da sensualidade da mulher negra, as novelas brasileiras em geral são campeãs em reforçar esse e tantos outros estereótipos.

Porém a maior parte das matérias que se referem a coroação de Monalysa pouco abordam o fato dela ser negra na manchete ou titulação, a maioria delas faz referência a sua regionalidade ou só citam o nome como forma de esconder o fato dela ser negra conforme é possível ver abaixo:

“A piauiense Monalysa Alcântara é eleita Miss Brasil 2017” (Revista Veja, 21/08/2017)

“ Monalysa Alcântara, do Piauí, vence o Miss Brasil 2017” (Portal O Globo, 20/08/2017)

“Monalysa Alcântara é eleita Miss Brasil 2017” (Entretenimento Band, 20/08/2017)

Fato é que fazendo isso acaba minimizar toda a representação que sua figura pública como Miss representa para os negros. Por isso escolher o título/chamada/manchete de uma matéria ou notícia é algo crucial, visto que ele é o primeiro contato do leitor/telespectador com o conteúdo a ser publicado. É através dele que surge o interesse em continuar a ver/ler o conteúdo ou não.

Dessa forma, quando há omissão no título sobre a questão da negritude de Monalysa ela está desviando a atenção sobre a problemática racial que existe no Brasil, e em contrapartida sobre a representação que ela tem para a população negra.



Quando demarcadas elas podem atuar tanto de forma positiva, quanto negativa como mostra os títulos abaixo referentes a coroação de Raíssa Santana:

“Miss Brasil 2016 é a primeira negra após 30 anos” (Revista Veja, 02/10/2016)

“Raissa Santana, a Miss Brasil 2016, quer mostrar que mulheres negras podem TUDO” (Brasil Post, 05/10/2016)

“Miss Brasil 2016 abre uma nova temporada de beleza” (Gazeta do povo, 03/10/2016)

A forma positiva abarca a diversidade da colorimetria da raça negra, levando as pessoas a refletirem sobre a questão da raça e da cor e também aos próprios negros a se identificarem como tal, pois terão a referência de pessoas públicas tais como a figura das misses, por exemplo. Raíssa Santana em entrevista ao site Ego fala sobre isso:

“Eu não esperava ganhar esse título, mas estou muito feliz por ter conquistado esse título e por poder representar a beleza negra e incentivar meninas que têm o sonho de ter alguma coisa, de conquistar, de ser uma modelo, de ser uma miss... Agora, quero incentivar essas meninas e mostrar para elas que elas podem”. (SANTANA, Raíssa. 2016. site EGO)

No polo negativo é possível identificar que tal marcação é feita como forma de diferenciação das raças, reforçando estereótipos mesmo que silenciosamente que remetem ideia da superioridade da raça branca em relação a negra. Tem também a ideia de que se a miss em questão fosse branca ela afirmaria que sua representação é pela diversidade das raças e cores, ou que todas elas são treinadas a falar, representação da mulher brasileira. Como Raíssa é negra ao afirmar que sua figura pública tem grande relevância para seu grupo racial será taxada como “racista reversa”, por exemplo.

“Eu não me vejo como representante da beleza negra, me vejo como representante da beleza da mulher. Por ter um jejum de 30 anos sem uma miss negra no Brasil, isso acabou ganhando um destaque, mas eu não me vejo como uma representante só da beleza negra, mas sim de todas as mulheres independentemente de cor e raça”. (SANTANA, Raíssa. 2016, portal Estadão).

Outro reforço de estereótipo relacionado às misses em geral é o da intelectualidade, elas são consideradas por muitos somente como tradução da beleza, sendo portanto



desprovidas de qualquer tipo de conhecimento. As misses negras devem romper, portanto com dois rótulos: o da beleza e o da inteligência.

“Há muito tempo poderíamos ter uma miss negra no Brasil, mas não é só uma questão de beleza. Raíssa mostrou que tem todas as qualidades para vencer um concurso nacional e nos dar esperança para ganhar os internacionais”, Conta George Sada, que detém algumas franquias de concursos estaduais de beleza no Paraná e já foi diretor artístico do Miss Brasil. Para ele, ela desfila bem, tem postura e já mostrou que é inteligente”. (SADA, George. 2016, portal Viver Bem).

Em sites, portais e blogs produzidos por negros vemos a diferença dos conteúdos que estão sempre debatendo a temática das relações raciais e com ela o empoderamento da população negra, como por exemplo, portal geledés, blogueiras negras, entre outros. Repare como publicaram a coroação das misses negras:

“A mulher negra em concursos de Beleza, Representatividade importa”. (Blogueiras Negra, 2016.)

“Black is Beautiful”. (A mãe preta, 2016)

“Através da minha história vou ajudar mulheres negras”. (Geledés, 2017)

A diferença das titulações das matérias sobre as misses mostra as duas vertentes das quais a mídia pode agir no que diz respeito a valorização da mulher negra, tanto de forma positiva quanto negativa. Nenhum conteúdo produzido é neutro ou livre de ideologia, por isso é necessário que haja maior representatividade de escritores, jornalistas, comunicadores e dentre tanto outros profissionais negros para que eles produzam conteúdos de forma a contribuir de fato para uma mudança efetiva no controle midiático quando este diz respeito às questões de raça e cor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A valorização da identidade negra no Brasil vem sendo conquistada a passos lentos ainda que muito se tem falado sobre, é necessário a ampliação deste debate para outros espaços tais como os concursos de beleza, pois o empoderamento da mulher negra começa quando ela se reconhece como negra, se ama, se valoriza e enaltece seu fenótipo. Para romper



com os padrões estéticos e a política de raças que até hoje nas edições do evento vem sendo feita é preciso maior representatividade de toda a diversidade que há entre as mulheres.

A mídia tem grande parcela de responsabilidade nesse contexto pois é ela quem forma a opinião pública e pode ajudar na valorização da beleza negra, por isso a necessidade de levar esse debate sobre as relações raciais para o meio acadêmico como forma de conscientizar os futuros profissionais ligados à área da comunicação e publicidade.

Desta forma, espero que o ponto final deste artigo não represente o fim deste debate, mas sim uma contribuição para crescimento e também que as colocações que aqui foram feitas sejam elementos para reflexões para cada um, auxiliando na caminhada em direção da real mudança nas condições sociais e econômicas da população negra em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Movimento Feminista Negro no Brasil - Núbia Moreira. Café filosófico CPFL.2016. 47 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TQa0La1YIFw> . Acesso em 30 de outubro de 2017.

MARTINS, Ana Nina. **Frente Negra Brasileira (1931-1938)** .Black Past. 2007. Acesso em 30 de outubro de 2017.

ORG. Marxists. **Memórias do Exílio, Brasil 1964-19??** (PDF). São Paulo, SP: Editora e Livraria Livramento Ltda. pp. 27–28. Acesso em 30 de outubro de 2017.

DOMINGUES, Petronio. **Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil.** Cadernos Pagu:2007. Acesso em 30 de outubro de 2017.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo.** Argos, 2002.

SCHWARCZ, Lilia. (1994). **Espetáculo da miscigenação** . Estudos Avançados, 8(20), 137-152. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9652>

ACERVO, cultne. **I Encontro Nacional de Mulheres Negras- Doc.** 2011.



LEMOS. Rosália de Oliveira. **Feminismo negro em construção. A organização do movimento de mulheres negras do Rio de Janeiro.** UFRJ. 1997.

MEDEIROS. Adriana Clementino de. **O ideal de Beleza na escultura grega: Reflexões sobre as acepções formais construídas pela sociedade grega.**

PEDRO. Ana Paula. **Ética, moral, axiologia e valores: confusões e ambiguidades em torno de um conceito comum.** Revista scielo, Belo Horizonte, 2014.

PEREIRA, Amilcar Araujo. **Movimento negro brasileiro: aspectos da luta por educação pela “reavaliação do papel do negro na história do Brasil” ao longo do século XX.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

SANT’ ANNA’. Mara Rúbia. **Concurso de beleza-discursos de sujeitos.** UDESC.2007

FERRAZ. José Ricardo. **Ninguém nasce bela, torna-se bela.** São Paulo. 2011

GIACOMINI. Sonia Maria. **Beleza Mulata e Beleza Negra, Estudos feministas.**

SHOHAT. Ella e STAM. Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica. Multiculturalismo e representação.** Tradução Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

LEITÃO, Míria. In: RAMOS, Silvia (Org.). **Mídia e Racismo.** Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

VIANA, Vivian Jaqueline Silva. **Mídia brasileira como instrumento de racismo e interdição do negro no contexto das ações afirmativas.** Revista ABPN. 2011

DALL’ AGNOLL, Rogéria Prado e OLIVEIRA, Llzver de Matos. **Racismo na propaganda.** Revista ideias e inovação. Aracaju. 2012

CHINEN. Nobuyoshi. **O papel do negro e o negro no papel. Representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros.** USP. 2013

SITES E PORTAIS CONSULTADOS

Revista Veja, Revista Exame Abril, Estadão, Revista Fórum, Gazeta do Povo, A Mãe Preta, Extra Globo, Ego, IG, G1 Globo, Blogueiras Negras, Band Uol e Blogs Imprensa Negra Paulista e Passarela Cultural.